Relato sobre a palestra/oficina “Mediação, corpo e inclusão”, ministrada por Renata Mara no Seminário “Mediação: diálogos expandidos em educação”, realizada pelo Museu Mineiro, no dia 02 de março de 2015.

Descrição da fotografia. Uma pessoa sentada em frente à outra, ambas de pernas cruzadas. Uma olha empunha e olha foto, enquanto a outra permanece de olhos fechados. A fotografia tem a imagem de um casal de mãos dadas, caminhando na areia, ...

Com seu computador que fala a palestrante Renata Mara[1] leria o texto acima, mas não veria a foto com a nitidez que os videntes (quem não tem deficiência visual), geralmente, esperam. Como mediar então o acesso dela à imagem acima? Essa fotografia ilustra uma das vivências da palestra/oficina “Mediação, corpo e inclusão” dentro da programação do Seminário “Mediação: diálogos expandidos em educação”, ocorrida no Museu Mineiro em Belo Horizonte.

Convidada a falar sobre “Mediação, corpo e inclusão” a palestrante conta que um amigo cego ao tentar a atravessar a rua teve uma ajuda curiosa: “uma pessoa agarrou a ponta que toca o chão da bengala do meu amigo e o puxou para o outro lado da rua. O rapaz mediou a travessia do meu amigo. Devemos julgar o modo como ele fez? E se foi a primeira vez dele? Se você não sabe o que fazer, pergunte, pesquise”. Pensar a acessibilidade em grupos multidisciplinares era o primeiro convite que Renata Mara faz aos presentes, quando o mediador do encontro relata sua experiência em um curso de audiodescrição, no qual um cego colaborava, decisivamente, na medida que filtrava as descrições que funcionavam das que não.

[1] Renata Mara além de bailarina, pesquisadora e professora do curso e artes cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto, tem retinose pigmentar, doença que causa perda da visão de forma progressiva.

Em seguida, Renata conta da sua experiência em um grupo de trabalho que pensava a acessibilidade para a obra *Inmensa*, de Cildo Meireles, do Museu Inhotim: “Quando me descreveram a obra, perguntei se podíamos escalá-la, senti-la corporalmente.” E esse era o segundo convite de Renata: ampliar a experiência sensível para além do sentido da visão. Paratanto, ao fim de sua fala, Renata proporia uma vivência que pretendia “despertar os sentidos”.

Figura 1 Cildo Meireles, Inmensa, steel, 400 x 810 x 445 cm, 1982 - 2002. photo: Tibério França

Mas antes da parte prática, ainda havia um último convite: mudar a perspectiva - de deficiência para diferença. “Eu não sei alemão, mas se vejo duas pessoas conversando nessa língua, e gostaria de entrar no assunto, eu me esforço, tento o inglês. Mas se forem duas pessoas em linguagens de sinais? Empreendo da mesma forma ou penso comigo, coitadinhos são surdo mudos”. Enquanto falava a palestrante cruza a sala, pede que todos virem suas cadeiras e pergunta: “para essa mudança no nosso ponto vista o que é foi preciso?” Prontamente uma participante responde: “movimento”. Renata diz então que o movimento começa internamente e narra o momento em sua vida em que ao invés de permanecer na sua busca pela dança como lugar de fuga da sua baixa visão, propõe um espetáculo que aborda o ver e não ver em dança. “O clímax de *Dessassego em Branco* é diante do breu, onde o bailarino cego, em contato tátil com o Tuca e eu, narra à dança. A lógica foi invertida, geralmente a audiodescrição não é feita por um cego”.

> *“Desassossego em branco”* faz um convite à observação da dança sob uma nova forma de percepção, que explora a imaginação a partir de outros sentidos além da visão (...) Um convite ao sensível, invisível e inquieto, que pode ser percebido além do sentido da visão. (...)” (SINOPSE DO ESPETÁCULO)

Então o mediador da palestra, Tales, conta o caso do fotógrafo cego Ewgen Bawicar, queria ver as estrelas. Com a ajuda de outras pessoas foi a um vulcão desativado e abraçou o seu orifício. A sensação corpórea era a tradução que ele buscava.

A fim de despertar a criatividade e sensibilizar os sentidos, ao fim da fala a palestrante propôs vivências que focavam um sentido por vez.

De atravessar um cego na rua a propor uma tradução para olhar as estrelas, pensar a acessibilidade é tarefa política de todos. Iniciativas como a do **Seminário Mediação: diálogos expandidos em educação** estão nesse caminho.

Daniel Torquete Barbosa

Graduando em Licenciatura em Música pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) onde é aluno bolsista do Projeto Cia da Gente, que atua com arte educação na APAE (Associação de Pais e Amigos do Excepcional) em Ouro Preto e do Curso Livre de Iniciação Musical. Além de educador musical atua como cantor e violonista na cena musical da Região dos Inconfidentes.